

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universidade de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 00013734
Data 06/06/2008
() Compra (x) Doação () Permuta

MOB C-92568907

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

Nágela Oliveira Franco Balieiro

A CRIAÇÃO, O MITO, A NAÇÃO
(Estudo da personagem Paraguaçu na obra de Santa Rita Durão)

Pontes e Lacerda/MT
2007/2

82.03
B486c
22.01

1948

1948

1948

1948

1948

1948

1948

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

Nágela Oliveira Franco Balieiro

A CRIAÇÃO, O MITO, A NAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do
Grau de Licenciada em Letras no Campus
Universitário de Pontes e Lacerda – Universidade
do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Orientadora:
Prof^ª. Ms^a. Maria Inês Parolin

Pontes e Lacerda/MT
2007/2

$$\frac{d^2x}{dt^2} = -\frac{GM}{r^3}x$$

$$\frac{d^2x}{dt^2} = -\frac{GM}{r^3}x$$

$$\frac{d^2x}{dt^2} = -\frac{GM}{r^3}x$$

$$\frac{d^2x}{dt^2} = -\frac{GM}{r^3}x$$

$$\frac{d^2x}{dt^2} = -\frac{GM}{r^3}x$$

$$\frac{d^2x}{dt^2} = -\frac{GM}{r^3}x$$

$$\frac{d^2x}{dt^2} = -\frac{GM}{r^3}x$$

$$\frac{d^2x}{dt^2} = -\frac{GM}{r^3}x$$

$$\frac{d^2x}{dt^2} = -\frac{GM}{r^3}x$$

Professora: Ms. Maria Inês Parolin (Orientadora)

Departamento de Letras

UNEMAT

Professor: Ms. Hêlvio Moraes

Membro da Banca Examinadora

Professora: Drª Eliana de Almeida

Membro da Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Adoração ...

A Deus, por permitir cada fôlego de minha vida.

Amor ...

Aos meus pais, pelas horas sem dormir, afagando minhas dores e sofrimento.

Carinho ...

A minha sogra, pelo incentivo e apoio.

Paixão ...

A meus filhos, por entenderem a minha ausência em alguns momentos, como mãe.

Cumplicidade ...

Ao meu marido, pelos anos de carinho, respeito e amor.

Sublime ...

Aos meus irmãos, por todas as alegrias e muita bagunça.

À minha orientadora...

Pelos recondinhos, às vezes árduos. Mas com que amadureci muito.

Aos amigos conquistados nestes quatro anos de
faculdade, em especial: Cintia, Débora e Jovânia.

“O espaço conquistado pela capacidade de interagir com as letras proporciona riquezas que nem a mais sublime das palavras será capaz de transmitir.”

Eu

RESUMO

Conforme estudos feitos por vários críticos como Antonio Candido, Ferdinand Denis, Almeida Garret, entre outros estudiosos da área de literatura, a obra *Caramuru* (1871) exemplifica padrões ideológicos jesuíticos, e a sua estrutura a realização épica, uma epopéia nos moldes camonianos. A comparação com *O Uruguai* (1769) de Basílio da Gama é feita apenas com uma única visão, não abrindo espaço para que a mesma seja colocada sobre outro ângulo de pesquisa.

Cunha, em *Estampas do Imaginário* (2006) propõe em seu trabalho uma leitura exterior, em que a obra *Caramuru* inclua em sua trajetória a realização épica de Camões considerando o esforço de Durão em expandir *Os Lusíadas*, que mencionam o Brasil marginalmente, ressaltando a importância da obra *Caramuru* na construção da identidade nacional, um sentido de pátria para uma nação que precisa de sua própria identidade. Para Cunha, a cena de antropofagia descrita por Durão legitima a conquista e a colonização, portanto, eliminá-las seria como tentar corrigir algo que fez parte no processo da colonização no Brasil.

Retomar a fortuna crítica do século XIX e do XX, que analisa a obra do ponto de vista estético e ideológico, e pôr em circulação uma outra leitura é o que impulsiona esta análise tendo em vista o estudo feito por Eneida Leal Cunha.

Palavras-chave: Identidade literária.

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

1947年10月1日

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO----- 09

A CRIAÇÃO-----10

1.1 - O Mito-----18

A NAÇÃO----- 26

CONSIDERAÇÕES FINAIS-----32

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS----- 33

INTRODUÇÃO

A argumentação inicial do frei Santa Rita Durão nas Reflexões Prévias e Argumento em sua obra *Caramuru*, (1781), *Os sucessos do Brasil não mereciam menos um poema que os das Índias. Incitou-me a escrever este o amor da pátria*, foi por um longo período tomada como perspectiva de estudo pelos críticos a partir do século XIX, como estruturação do sistema narrativo a partir do poema de Camões, *Os Lusíadas*, (1769).

Ao longo do tempo, abarcados pela contingência literária supostamente baseada na linha de pensamento “passadista”, “rococó”, “híbrido” e “quinhentista” os críticos deixaram por um determinado período a obra *Caramuru* empalidecida, “encoberta” pela suposta “mensagem” que o autor já nas reflexões prévias enuncia da obra.

O ponto tomado para análise da obra rediscute o que os críticos revelam, quando entram no discurso do frei como que impregnados pela contextualização que o mesmo faz na obra, enquanto estritamente de cunho cristão e de epopéia sacra/clássica.

A análise posta em questão não verifica a sua estrutura, mas a sua validade enquanto obra eleita pela tradição romântica para a criação da identidade literária brasileira.

Retomando os estudos acerca da obra, Cunha (2006) abre um leque de proposições referentes às divergências encontradas na obra pelos críticos e converge á uma configuração de imaginário de pátria inserido na obra. Para que esta configuração se efetive, a mesma empenha seu estudo na figuração do índio como precursora desta identidade.

O paradoxo em Durão está em lidar com um índio que a princípio é pagão, canibal, mas que precisa da Luz da Graça e ao mesmo tempo, este mesmo índio ‘selvagem’ torna-se civilizado sem ferir a cultura deste.

O homem pagão, tomado pela voz do “Outro”, sai da sua condição de bárbaro para a civilização, eliminado através do batismo e da Fé na Santa Igreja Católica.

I - A CRIAÇÃO

A proposta de estudo da obra *Caramuru – Poema Épico do Descobrimento da Bahia* (1781) do frei Santa Rita Durão (1722-1784), consiste em uma leitura que o recoloca na cena literária brasileira como obra eleita pela tradição romântica para a criação do ideal de identidade e nacionalidade brasileira.

Retomar a fortuna crítica do século XX, que a analisa do ponto de vista estético e ideológico, e pôr em circulação uma outra leitura é o que impulsiona esta análise, tendo em vista o prefácio de Polito (na edição de 2001 da obra), o qual destaca os estudos que uma outra crítica literária vem fazendo sobre o *Caramuru*.

O recente estudo feito por Eneida Leal Cunha, em *Estampas do Imaginário* (2006), vem explorar a importância da obra “ao empenho e as operações historiográficas literárias que participam da construção da identidade nacional no estado moderno instituído nos territórios colonizados” (in Polito, xxxv). Esta é a vertente interpretativa em que iremos fundamentar este trabalho de reavaliação da obra *Caramuru*.

Para realizar sua tarefa, a autora informada de estudos feitos sobre o desconstrutivismo francês por alguns estudiosos como Foucault, investe na construção de uma leitura que seja ao mesmo tempo exterior e interior da obra, evitando as questões ideológicas enquanto julgamento de valor e “livre de ressentimentos”, para “deixar falar, na sua inteireza e na sua potência, as formas do imaginário colonizador instituinte”. (in Polito, xxxv).

Assim também podemos dizer que esta ‘descontaminação’ de leitura totalmente radical à obra traz uma nova concepção do *Caramuru*, cuja cadência no meio crítico se deu por este apenas considerá-la uma obra mal realizada esteticamente e ideologicamente marcada pelo jesuitismo “passadista”.

Para podermos avaliar a importância desta obra no meio literário, faz-se necessário o deslocamento crítico sob a égide ideológica e estética feita por alguns críticos, e a transposição da sua validade histórica para a construção da posterior identidade literária e política dos brasileiros.

...
...
...

...
...
...

...
...
...
...

...
...
...
...

...
...
...
...

...
...
...
...

Para o historiador Polito (2001), a importância da obra *Caramuru* na criação de um imaginário, uma idéia de Brasil, operando com o engrandecimento de nossas riquezas naturais, é tema presente no romantismo e no modernismo brasileiro, daí a importância do deslocamento, de uma outra visão da obra de Durão, que não aquela que a crítica tradicional vem tratando, conforme veremos a seguir.

As posições ideológicas de Durão, tomadas como fonte da obra, impulsionaram os críticos a analisarem-no sob a ótica apenas deste elemento, mas a validade do *Caramuru* na literatura luso- brasileira vai além das fronteiras ideológicas de seu autor.

Se observarmos o *Caramuru* enquanto obra eleita pela tradição romântica, poderemos ver funcionando ali a matriz da figuração do índio como sujeito literário, um índio cristianizado e pacificado como ideal de uma nação, cuja literatura precisava de uma afirmação de nossa potencialidade literária e histórica, sendo o índio personagem central do raciocínio que nos singularizaria pelo tema.

A fortuna crítica do século XIX consiste em analisar a sua estética, deixando-se impregnar por idéias inspiradas nos moldes camonianos. Certamente não se concebia uma outra perspectiva em relação à obra por estarem contaminados pela crítica exterior ao país, o pensamento apenas voltava-se a aquilo que se dizia, e não à busca de elementos que transpõem a obra à cena literária brasileira.

É assim que Ferdinand Denis, em seu “Resumo da História Literária do Brasil” (1968) salienta apenas sua “cor local”, a “descrição da natureza grandiosa”, mesmo que o estilo do poeta não corresponda à concepção da obra.

Visível também na crítica de Ferdinand Denis, o qual destaca que é na “descrição dos pormenores, nos episódios, a beleza e harmonia na versificação e o domínio da língua” que estão presentes o talento do padre, apenas estes elementos correspondem ao seu gosto. Falta-lhe a agudeza na profundidade de leitura da obra, segundo o crítico.

1. $\mathcal{H}$ is a Hilbert space, $\mathcal{H} = \mathcal{H}_1 \oplus \mathcal{H}_2$, $\mathcal{H}_1 \perp \mathcal{H}_2$.
 2. $\mathcal{H}_1$ is a closed subspace of $\mathcal{H}$, $\mathcal{H}_2$ is the orthogonal complement of $\mathcal{H}_1$ in $\mathcal{H}$.
 3. $\mathcal{H}_1$ is a separable Hilbert space, $\mathcal{H}_2$ is a separable Hilbert space.

4. $\mathcal{H}_1$ is a separable Hilbert space, $\mathcal{H}_2$ is a separable Hilbert space.
 5. $\mathcal{H}_1$ is a separable Hilbert space, $\mathcal{H}_2$ is a separable Hilbert space.
 6. $\mathcal{H}_1$ is a separable Hilbert space, $\mathcal{H}_2$ is a separable Hilbert space.

7. $\mathcal{H}_1$ is a separable Hilbert space, $\mathcal{H}_2$ is a separable Hilbert space.
 8. $\mathcal{H}_1$ is a separable Hilbert space, $\mathcal{H}_2$ is a separable Hilbert space.
 9. $\mathcal{H}_1$ is a separable Hilbert space, $\mathcal{H}_2$ is a separable Hilbert space.
 10. $\mathcal{H}_1$ is a separable Hilbert space, $\mathcal{H}_2$ is a separable Hilbert space.

11. $\mathcal{H}_1$ is a separable Hilbert space, $\mathcal{H}_2$ is a separable Hilbert space.
 12. $\mathcal{H}_1$ is a separable Hilbert space, $\mathcal{H}_2$ is a separable Hilbert space.
 13. $\mathcal{H}_1$ is a separable Hilbert space, $\mathcal{H}_2$ is a separable Hilbert space.
 14. $\mathcal{H}_1$ is a separable Hilbert space, $\mathcal{H}_2$ is a separable Hilbert space.

15. $\mathcal{H}_1$ is a separable Hilbert space, $\mathcal{H}_2$ is a separable Hilbert space.
 16. $\mathcal{H}_1$ is a separable Hilbert space, $\mathcal{H}_2$ is a separable Hilbert space.
 17. $\mathcal{H}_1$ is a separable Hilbert space, $\mathcal{H}_2$ is a separable Hilbert space.

18. $\mathcal{H}_1$ is a separable Hilbert space, $\mathcal{H}_2$ is a separable Hilbert space.
 19. $\mathcal{H}_1$ is a separable Hilbert space, $\mathcal{H}_2$ is a separable Hilbert space.
 20. $\mathcal{H}_1$ is a separable Hilbert space, $\mathcal{H}_2$ is a separable Hilbert space.

Ressalta-se que em Denis existia o desejo expresso de formação da identidade literária brasileira a partir dos padrões franceses e não portugueses, por isso recomenda a formação de uma tradição a partir do *Caramuru*, mas com ressalvas.

Para Almeida Garrett, não é muito diferente, ele reponta aqui e ali que o *Caramuru* “possui ainda seus gongorismos”.

Para estes críticos do período fundador de nossa História Literária e do Romantismo, a validade ou invalidade é a da estética romântica, mas não vamos aqui discutir esta condição na obra, e sim a sua contribuição ao imaginário brasileiro.

Analisar esta construção da identidade nacional partindo da construção da personagem Paraguaçu, a eleita por Diogo, a cristianizada - que determinará uma mudança no pensamento do príncipe indígena Gupeva – de modo surpreendente irá instaurar em obras posteriores a nossa identidade literária, e a personagem Paraguaçu representará em obras posteriores no período romântico – como em *Iracema* (1865), de José de Alencar - um ideal de beleza, configurando assim, uma parte da nossa identidade cultural. O ideal de pátria é calcado na figura da personagem da obra *Caramuru*.

Caramuru, constituída de dez Cantos, conta a história da conquista da Bahia por Diogo Álvares Correia, compreendendo ao longo dos vários episódios “a história do Brasil, os ritos, tradições, milícias de seus indígenas, como também a natural e política das colônias”. (in Polito, XIX). Para nós, a história, a tradição, a política, são relativos ao relato, ou seja, o *Caramuru* infunde e difunde um imaginário sobre esses aspectos.

Resumindo rapidamente, para ponto de partida, é interessante ressaltar que no Canto I da obra há a invocação ao Príncipe do Brasil, D. José, e o relato do naufrágio de Diogo Álvares com mais seis companheiros, à chegada a praia e o primeiro contato com os indígenas. Neste Canto já se introduz retoricamente o canibalismo, tema que horrorizou e seduziu os europeus. Um dos naufragos conta a lenda da estátua profética que apontava para o Brasil, encontrada na Ilha açoriana do Corvo. Os naufragos são salvos do ritual canibalístico pela chegada de Sergipe, inimigo do príncipe Gupeva.

1. $\mathbb{R}^n$ 上的线性映射 T

设 $T: \mathbb{R}^n \rightarrow \mathbb{R}^n$ 是线性映射, $\{e_1, \dots, e_n\}$ 是 $\mathbb{R}^n$ 的标准基. 记 $T(e_j) = \sum_{i=1}^n a_{ij} e_i$, 则 T 的矩阵表示为 $A = (a_{ij})_{n \times n}$. 若 T 是可逆的, 则 A 也是可逆的, 且 A^{-1} 的列向量就是 $T^{-1}(e_j)$. 特别地, 若 T 是正交变换, 则 A 是正交矩阵, 即 $A^T = A^{-1}$.

2. $\mathbb{R}^n$ 上的二次型

设 $Q(x) = x^T A x$ 是 $\mathbb{R}^n$ 上的二次型, 其中 A 是 $n \times n$ 的实对称矩阵. 记 $\lambda_1, \dots, \lambda_n$ 是 A 的特征值, $e_1, \dots, e_n$ 是对应的特征向量. 则 $Q(x)$ 可以通过正交变换 $x = P y$ 化为标准形 $Q(y) = \lambda_1 y_1^2 + \dots + \lambda_n y_n^2$. 若 A 是正定的, 则 $Q(x)$ 是正定的.

3. 欧几里得空间的子空间

设 V 是 $\mathbb{R}^n$ 的子空间, W 是 V 的子空间. 则 W 也是 $\mathbb{R}^n$ 的子空间. 若 W 是 V 的正交补, 则 $V = W \oplus W^\perp$. 特别地, 若 W 是 V 的正交补, 则 W 也是 $\mathbb{R}^n$ 的子空间. 若 W 是 V 的正交补, 则 W 也是 $\mathbb{R}^n$ 的子空间.

4. 欧几里得空间的度量

设 $x, y \in \mathbb{R}^n$, 则 x 和 y 的内积为 $x \cdot y = x_1 y_1 + \dots + x_n y_n$. 若 x 和 y 是正交的, 则 $x \cdot y = 0$. 若 x 和 y 是共线的, 则 $x \cdot y = |x| |y|$.

5. 欧几里得空间的基

设 $\{e_1, \dots, e_n\}$ 是 $\mathbb{R}^n$ 的标准基. 若 $\{v_1, \dots, v_k\}$ 是 $\mathbb{R}^n$ 的子空间 V 的一组基, 则 $\{v_1, \dots, v_k, e_{k+1}, \dots, e_n\}$ 是 $\mathbb{R}^n$ 的一组基. 特别地, 若 V 是 $\mathbb{R}^n$ 的子空间, 则 V 的维数不超过 n .

No Canto II, Diogo recupera armas e pólvoras da nau e planeja ajudar seus companheiros. Como estava magro e doente, não chamou a atenção dos antropófagos. Ao usar sua arma para matar um pássaro com um tiro de espingarda, foi aclamado de “Caramuru”, “Filho do Trovão”. Neste canto, Diogo conhece Paraguaçu, que aprendera a sua língua de um português prisioneiro em sua terra. O Canto III é a conversão de Gupeva e narra a lenda da pregação de S. Tomé (Sumé) na América, suspensa repentinamente com os avisos da chegada da “turba” inimiga.

Os Canto IV e V descrevem em cenas a guerra dos chefes indígenas confederados por Jararaca da tribo dos Tupinambás contra Gupeva da tribo dos Caetés. Após a vitória de Gupeva e Diogo, Paraguaçu será ameaçada pelas perseguições das pretendentes de Diogo. Ambos decidem partir para a Europa, a bordo de uma nau espanhola naufragada que ajudaram a reparar.

O Canto VI narra a partida do casal para o Velho Mundo e traz o famoso episódio da morte de Moema, que desfere duras palavras a Diogo, lamentando que nem seu grande amor por ele faça-o voltar. Este Canto é considerado por muitos o ponto alto do poema, inclusive por Antonio Candido, o crítico que mais se ocupou da obra no século XX.

A chegada de Diogo e Paraguaçu à corte francesa é relatada no Canto VII, bem como o batismo de Paraguaçu, que recebe o nome da sua madrinha, a rainha Catarina de Médicis, mulher de Henrique II. Diogo descreve para os reis as exuberantes fauna e flora brasileiras. Ressalta-se que a partir deste Canto, Paraguaçu será chamada de “Catarina do Brasil”, o que “individualiza-a, apresenta-a”, conforme Pita afirma em seu livro sobre a *História da América Portuguesa*. (1976).

O canto VIII é composto pela conversa do rei Henrique II propondo a Diogo fidelidade à França, tornando o Brasil sua colônia, o que é recusado pelo herói. Retornam ao Brasil e durante todo este canto e o seguinte, Paraguaçu, agora Catarina, cai em profundo êxtase. São nestes cantos que Paraguaçu irá profetizar a história “futura” do Brasil, descrevendo em minúcias a Bahia e a luta contra o invasor francês Villegaigon, travada por Mem de Sá na enseada de Niterói, e Estácio de Sá, no Rio de Janeiro. O Canto IX aborda a guerra contra os holandeses e a retomada de Pernambuco.

O Canto X começa com uma visão profética de Catarina da Virgem Maria. Sendo sagrados reis dos povos baianos, ambos transferem imediatamente sua realeza para D. João III,

$$\begin{aligned}
\| \mathbf{u} \|_{\mathbf{H}^1(\Omega)}^2 &= \int_{\Omega} |\nabla \mathbf{u}|^2 dx = \int_{\Omega} |\nabla \mathbf{u}|^2 dx + \int_{\Omega} |\nabla \mathbf{u}|^2 dx \\
&= \int_{\Omega} |\nabla \mathbf{u}|^2 dx + \int_{\Omega} |\nabla \mathbf{u}|^2 dx = \int_{\Omega} |\nabla \mathbf{u}|^2 dx + \int_{\Omega} |\nabla \mathbf{u}|^2 dx
\end{aligned}$$

1. *Phragmites australis* (Cav.) Trin. ex Steud.

5. The fifth part of the document outlines the various methods used to collect and analyze data, including the use of statistical software and the importance of sample size.

6. The sixth part of the document describes the process of identifying and measuring risk, and the role of the risk management department in developing and implementing risk mitigation strategies.

8. The eighth part of the document outlines the various methods used to collect and analyze data, including the use of statistical software and the importance of sample size.

9. The ninth part of the document describes the process of identifying and measuring risk, and the role of the risk management department in developing and implementing risk mitigation strategies.

[illegible]

1. The first step is to identify the problem or question that needs to be answered. This involves understanding the context and the specific requirements of the task.

2. The second step is to gather relevant information and data. This can be done through research, consultation with experts, or by analyzing existing data sets.

3. The third step is to develop a plan or strategy to address the problem. This involves breaking down the problem into smaller, manageable parts and determining the best approach to solve each part.

4. The fourth step is to implement the plan. This involves carrying out the tasks and activities that have been identified in the plan.

5. The fifth step is to evaluate the results. This involves comparing the actual outcomes with the expected outcomes and identifying any areas for improvement.

6. The sixth step is to communicate the findings. This involves sharing the results of the analysis with the relevant stakeholders and providing recommendations for action.

7. The seventh step is to monitor and review the process. This involves keeping track of the progress of the project and making adjustments as needed to ensure that the project is completed successfully.

8. The eighth step is to document the process. This involves creating a record of the steps taken and the results achieved, which can be used for future reference and learning.

9. The ninth step is to reflect on the experience. This involves thinking about what was learned from the project and how it can be applied to future projects.

10. The tenth step is to celebrate the success. This involves acknowledging the achievements of the team and celebrating the completion of the project.

The first of these is the fact that the
 second of these is the fact that the
 third of these is the fact that the
 fourth of these is the fact that the
 fifth of these is the fact that the
 sixth of these is the fact that the
 seventh of these is the fact that the
 eighth of these is the fact that the
 ninth of these is the fact that the
 tenth of these is the fact that the

[illegible]

representado na cerimônia pelo primeiro Governador Geral, Tomé de Souza, que vai da continuidade à hegemonia portuguesa na colônia.

Os variados aspectos do poema híbrido de Durão provocam nos críticos incansáveis leituras acerca do seu valor, da sua estética, da sua linearidade, de seu gosto “Quinhentista”. Em poucos lugares da obra repontam o que eles parecem esperar, o olhar está fixo naquilo que o próprio Durão esclarece nas reflexões prévias: *Os sucessos do Brasil não mereciam menos um poema que os das Índias*.

No Canto II, a voz da personagem Paraguaçu é tomada pela voz do branco europeu para intermediar a conversa entre seu povo e Diogo. Após seu batismo no Canto VII, sua fala será de alguém que já possui a Luz da Graça. A idealização do índio para Durão cumpre-lhe *atribuir-lhes palavras que se coadunam com os propósitos e o ideário do poeta, obtendo desta forma, para o poema, uma credibilidade que camufla a ausência de veracidade com a verossimilhança da construção textual*. (Cunha, p.60).

A morte da personagem Moema – no Canto VI - que também amava Diogo, (este a deixou morrer afogada enquanto partia com Paraguaçu na nau espanhola) é o que valida a obra enquanto ideológica, pois assim, morre simbolicamente o pagão, nascendo com o batismo de Paraguaçu e de seu casamento com Diogo – Catarina - um povo “liberto” do paganismo e da falta da luz divina, apadrinhado pela França.

A morte de Moema vem significar a superação da relação aparentemente inconciliável do habitante nativo com os brancos europeus, para após o batismo e o casamento católico de Paraguaçu esta relação ser estreitamente conciliável e cristã.

Por outro lado, a fortuna crítica considera que *Caramuru* seria uma resposta ao *Uruguai* (1769), posto que Durão queria demonstrar a Basílio da Gama que “seguir um semelhante modelo não era praticar um ato de servil humildade, nem, e muito menos, ceder a uma convenção caduca”. (Holanda, p. 95). Para Durão, a conciliação entre o índio e o branco europeu seria possível, mesmo que tomado como ideal a cristianização do povo ‘bárbaro’.

$$P_{\text{max}} = \frac{1}{2} \rho C_D A V_{\text{max}}^3 = \frac{1}{2} \times 1.225 \times 0.5 \times 10^3 \times 10^3 = 30625 \text{ W}$$

1. *Prüfungsausschuss* (Prüfungsausschuss) ist ein Gremium, das die Aufgaben der Prüfungsausschüsse der Bundesländer wahrnimmt. Es besteht aus Vertretern der Bundesländer und der Bundesregierung.

1. *How do you think about the current situation of the Chinese economy?*
 2. *What are the main challenges facing the Chinese economy?*
 3. *What are the main opportunities for the Chinese economy?*
 4. *What are the main factors affecting the Chinese economy?*
 5. *What are the main trends in the Chinese economy?*
 6. *What are the main policies of the Chinese government?*
 7. *What are the main achievements of the Chinese government?*
 8. *What are the main problems of the Chinese government?*
 9. *What are the main goals of the Chinese government?*
 10. *What are the main strategies of the Chinese government?*

[illegible][illegible]

As a result, the *Journal of Management Education* is pleased to announce that the *Journal of Management Education* will be publishing a special issue on "The Journal of Management Education" in the fall of 2008. The special issue will be edited by the *Journal of Management Education* and will feature a collection of articles that will be published in the *Journal of Management Education* in the fall of 2008. The special issue will be a collection of articles that will be published in the *Journal of Management Education* in the fall of 2008. The special issue will be a collection of articles that will be published in the *Journal of Management Education* in the fall of 2008.

the β phase of the polymer. The β phase is the most important phase in the polymer, as it is the phase that is most responsible for the mechanical properties of the polymer. The β phase is the phase that is most responsible for the mechanical properties of the polymer. The β phase is the phase that is most responsible for the mechanical properties of the polymer.

Na obra de Basílio da Gama, *O Uruguai* (1769), a personagem Lindóia, índia esposa de Cacambo, irmã de Caitutu - é moldada segundo o olhar do branco europeu, não possui voz sequer tomada, nem atitude que dignifique o seu povo, não transpõe a cultura, não traduz as belezas e tradições. Seu valor significativo é negativado enquanto o de Paraguaçu é otimizado, é julgada e cumpre seu papel de esposa sem questionar o destino de ambos. “*Não consente o cauteloso Balda que Lindóia chegue a falar ao seu esposo*”. (*Uruguai* - Canto III).

O enredo da obra é a guerra travada pelo General Andrade contra os padres jesuítas que tomaram posse de terras que não lhes pertenciam e faziam dos índios seus escravos durante a ocupação pombalina dos Sete Povos das Missões, no Rio Grande do Sul. Entre os índios existe um amor entre Lindóia e Cacambo que resultará na morte de ambos, assim como na literatura clássica.

A personagem Lindóia não exalta a sua gente, porque a mesma permanece aos moldes clássicos, a recepção por parte dos românticos quanto a esta figuração do índio para a criação de um mito que pudesse tornar-se molde de criação literária e nacionalidade estava aquém do que se esperava para uma independência literária. O índio, à maneira dos brancos europeus, como papel em branco, não serviria aos propósitos de ideal de nacionalidade, muito menos aquele que não representasse a miscigenação das raças, tão cara aos românticos para fundar seu ideal de Estado – Nação.

“Quem podia esperar que uns índios rudes,
Sem disciplina, sem valor, sem armas,
Se atravessassem no caminho aos nossos,
E que lhes disputassem o terreno!”

(*Uruguai* - Canto I)

A fortuna crítica tem apontado que na obra de Basílio da Gama a morte de Lindóia já representa alegoricamente a morte do índio, do pagão, do bárbaro. Morre picada por uma cobra – simbolicamente como morre para a imortalidade Adão e Eva, na *Bíblia*, e Laocoonte, na *Eneida*, de Virgílio – sem questionar seu destino, num lugar sombrio, cumprindo tragicamente seu papel de esposa.

1. *Phragmites australis* (Cav.) Trin. ex Steud.

1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 26

1. The first part of the document is a list of names and addresses, which appears to be a directory or a list of contacts. The names are written in a cursive script, and the addresses are listed below them.

[illegible]

Figure 1. The effect of the number of trials on the number of correct responses. The number of correct responses was significantly higher than the number of incorrect responses in all cases. The number of correct responses was significantly higher than the number of incorrect responses in all cases.

[illegible]
$$e_{\alpha} = \frac{1}{2}(\sigma_1 + \sigma_2) \quad \text{and} \quad e_{\beta} = \frac{1}{2}(\sigma_1 - \sigma_2) \quad \text{with} \quad \sigma_1 = \frac{1}{2}(\sigma_1 + \sigma_2) + \frac{1}{2}(\sigma_1 - \sigma_2) = e_{\alpha} + e_{\beta}$$
[illegible]

Entram enfim na mais remota e interna
Parte do antigo bosque, escuro e negro,
Onde ao pé de uma lapa cavernosa
Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmims e rosas.
Este lugar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a mísera Lindóia.

(Uruguai - Canto IV)

Com a morte de Lindóia, como prenúncio da invasão, assim como a de Tróia, em *Eneida*, a guerra que será travada no Canto V entre os índios e os soldados do General será um massacre para a nação indígena, saindo vitorioso o branco europeu. Com a idéia de 'liberdade para o bárbaro' das mãos dos jesuítas, o autor coroa a milícia européia como heroína para uma colônia que necessitava de uma identidade que fosse alegoricamente a da colônia americana, mesmo que essa identidade fosse conquistada por outros europeus, e não pelo próprio índio.

A maneira com que Basílio da Gama lida com a figuração do índio é totalmente a do europeu, o índio é o que não possui cultura, sem valor. *“Não sofrem tanto os índios atrevidos: Juntos um nosso forte entanto assaltam. E os padres os incitam e acompanham”*. (Canto Primeiro). Precisam ser salvos da dominação jesuíta e o são por europeus antijesuítas.

A sua preocupação é em demonstrar as atitudes jesuítas (recriminadas pelo narrador) para com os índios, mas não em dar-lhes “vida” na obra, esta é a posição de quem não tem nada a transmitir, apenas reter aquilo que lhe é imposto. É a imagem do índio recalcada segundo a idéia que o europeu possui deste, apenas mata, destrói, quer aquilo que não é dele. Entende-se que este deve dar lugar à invasão do europeu e ficar distante de sua própria terra. *Por toda a oposta margem se descobre de bárbaros o número infinito que ao longe nos insulta e nos espera*. (Canto Primeiro)

O narrador de Basílio da Gama não busca na investigação da cultura do índio – como Durão faz – analogias entre as duas culturas, intermediando conhecimentos, singularizando aquilo que supostamente é da nossa terra, a natureza, a exuberância das cores, o destaque do

modo de vida indígena. Neste sentido, Candido assinala que sua obra está mais para o lírico que para o épico.

Basílio da Gama reescreve-os com as mesmas concepções do europeu, julga-os pela sua cultura, dizendo serem “incultos”, a beleza das cores é vista com sarcasmo, o conhecimento dos índios não é capaz de oferecer subsídios para uma colônia que ainda não se constituiu como nação, para criar o seu ideal de nacionalidade a partir deste povo bárbaro.

“Fossem vestidos das formosas cores,
Que a inculta gente simples tanto adora.”
(Uruguai - Canto II)

A posição do narrador de Basílio da Gama é autoritária, como é autoritário o europeu que julga que o índio é incapaz de libertar-se por si e invade suas terras para “libertá-lo” de seu outro Senhor, não reconhece o índio como conciliável, culto, para ingressar na “civilização” que supostamente é a que professa a verdade.

20

Journal of Management Education 30(6)

[illegible]

The figure consists of two side-by-side scatter plots. Both plots have 'Number of Children' on the x-axis and 'Number of Adults' on the y-axis. The left plot shows a positive linear trend with several data points and a solid regression line sloping upwards from left to right. The right plot shows a negative linear trend with fewer data points and a solid regression line sloping downwards from left to right.

Trial	Control	MCI	AD	DLB
1	85	75	65	55
2	82	72	62	52
3	78	68	58	48
4	76	66	56	46
5	75	65	55	45

1. *Journal of the American Medical Association*, 1997; 278: 1039-1044.

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100. 101. 102. 103. 104. 105. 106. 107. 108. 109. 110. 111. 112. 113. 114. 115. 116. 117. 118. 119. 120. 121. 122. 123. 124. 125. 126. 127. 128. 129. 130. 131. 132. 133. 134. 135. 136. 137. 138. 139. 140. 141. 142. 143. 144. 145. 146. 147. 148. 149. 150. 151. 152. 153. 154. 155. 156. 157. 158. 159. 160. 161. 162. 163. 164. 165. 166. 167. 168. 169. 170. 171. 172. 173. 174. 175. 176. 177. 178. 179. 180. 181. 182. 183. 184. 185. 186. 187. 188. 189. 190. 191. 192. 193. 194. 195. 196. 197. 198. 199. 200. 201. 202. 203. 204. 205. 206. 207. 208. 209. 210. 211. 212. 213. 214. 215. 216. 217. 218. 219. 220. 221. 222. 223. 224. 225. 226. 227. 228. 229. 230. 231. 232. 233. 234. 235. 236. 237. 238. 239. 240. 241. 242. 243. 244. 245. 246. 247. 248. 249. 250. 251. 252. 253. 254. 255. 256. 257. 258. 259. 260. 261. 262. 263. 264. 265. 266. 267. 268. 269. 270. 271. 272. 273. 274. 275. 276. 277. 278. 279. 280. 281. 282. 283. 284. 285. 286. 287. 288. 289. 290. 291. 292. 293. 294. 295. 296. 297. 298. 299. 300. 301. 302. 303. 304. 305. 306. 307. 308. 309. 310. 311. 312. 313. 314. 315. 316. 317. 318. 319. 320. 321. 322. 323. 324. 325. 326. 327. 328. 329. 330. 331. 332. 333. 334. 335. 336. 337. 338. 339. 340. 341. 342. 343. 344. 345. 346. 347. 348. 349. 350. 351. 352. 353. 354. 355. 356. 357. 358. 359. 360. 361. 362. 363. 364. 365. 366. 367. 368. 369. 370. 371. 372. 373. 374. 375. 376. 377. 378. 379. 380. 381. 382. 383. 384. 385. 386. 387. 388. 389. 390. 391. 392. 393. 394. 395. 396. 397. 398. 399. 400. 401. 402. 403. 404. 405. 406. 407. 408. 409. 410. 411. 412. 413. 414. 415. 416. 417. 418. 419. 420. 421. 422. 423. 424. 425. 426. 427. 428. 429. 430. 431. 432. 433. 434. 435. 436. 437. 438. 439. 440. 441. 442. 443. 444. 445. 446. 447. 448. 449. 450. 451. 452. 453. 454. 455. 456. 457. 458. 459. 460. 461. 462. 463. 464. 465. 466. 467. 468. 469. 470. 471. 472. 473. 474. 475. 476. 477. 478. 479. 480. 481. 482. 483. 484. 485. 486. 487. 488. 489. 490. 491. 492. 493. 494. 495. 496. 497. 498. 499. 500. 501. 502. 503. 504. 505. 506. 507. 508. 509. 510. 511. 512. 513. 514. 515. 516. 517. 518. 519. 520. 521. 522. 523. 524. 525. 526. 527. 528. 529. 530. 531. 532. 533. 534. 535. 536. 537. 538. 539. 540. 541. 542. 543. 544. 545. 546. 547. 548. 549. 550. 551. 552. 553. 554. 555. 556. 557. 558. 559. 560. 561. 562. 563. 564. 565. 566. 567. 568. 569. 570. 571. 572. 573. 574. 575. 576. 577. 578. 579. 580. 581. 582. 583. 584. 585. 586. 587. 588. 589. 590. 591. 592. 593. 594. 595. 596. 597. 598. 599. 600. 601. 602. 603. 604. 605. 606. 607. 608. 609. 610. 611. 612. 613. 614. 615. 616. 617. 618. 619. 620. 621. 622. 623. 624. 625. 626. 627. 628. 629. 630. 631. 632. 633. 634. 635. 636. 637. 638. 639. 640. 641. 642. 643. 644. 645. 646. 647. 648. 649. 650. 651. 652. 653. 654. 655. 656. 657. 658. 659. 660. 661. 662. 663. 664. 665. 666. 667. 668. 669. 670. 671. 672. 673. 674. 675. 676. 677. 678. 679. 680. 681. 682. 683. 684. 685. 686. 687. 688. 689. 690. 691. 692. 693. 694. 695. 696. 697. 698. 699. 700. 701. 702. 703. 704. 705. 706. 707. 708. 709. 710. 711. 712. 713. 714. 715. 716. 717. 718. 719. 720. 721. 722. 723. 724. 725. 726. 727. 728. 729. 730. 731. 732. 733. 734. 735. 736. 737. 738. 739. 740. 741. 742. 743. 744. 745. 746. 747. 748. 749. 750. 751. 752. 753. 754. 755. 756. 757. 758. 759. 760. 761. 762. 763. 764. 765. 766. 767. 768. 769. 770. 771. 772. 773. 774. 775. 776. 777. 778. 779. 780. 781. 782. 783. 784. 785. 786. 787. 788. 789. 790. 791. 792. 793. 794. 795. 796. 797. 798. 799. 800. 801. 802. 803. 804. 805. 806. 807. 808. 809. 810. 811. 812. 813. 814. 815. 816. 817. 818. 819. 820. 821. 822. 823. 824. 825. 826. 827. 828. 829. 830. 831. 832. 833. 834. 835. 836. 837. 838. 839. 840. 84

1. 在 1990 年 12 月 31 日，公司资产总额为 1000 万元，负债总额为 600 万元，所有者权益总额为 400 万元。

1. *Chlorophyll a* and *Chlorophyll b* were determined by the method of Arar and Collins (1971).

.....

1.1 - O MITO

Tanto na obra do frei Santa Rita Durão – *Caramuru* - como em Basílio da Gama – *O Uruguai*, a figuração do índio como componente originário do passado literário luso-brasileiro é notória, mesmo com perspectivas e olhares diferenciados. Pode-se, aliás, dizer que são opostos ao extremo. A presença do índio no *Caramuru* traz a necessidade de inseri-lo na civilização, cristianizá-lo mesmo frente às adversidades de culturas diferentes.

Este mesmo índio em *O Uruguai* é o predominantemente ‘bárbaro’, sem cultura, tradição, porém o narrador oscila nessa figuração, o que deixa margens para outras entradas.

É visível que o século XIX, segundo Polito, conferiu à obra uma importância distinta da que ela constantemente vinha recebendo dos contemporâneos, mas para que sua obra chegasse a ter importância no meio literário, este sofreu duras críticas por parte de estudiosos da área.

O século XVIII, período de mudanças em que a verdade absoluta da Igreja Católica é questionada e posta em xeque agora pelo ideal científico para a consciência luso-brasileira, num processo de transformação para o sujeito ocidental, novas perspectivas são exploradas, causadoras de polêmicas, aonde da “convicção de que a vida terrena é um sonho ou uma farsa” (Holanda, 2000), a arte poética passa a ser de cunho cristão.

A projeção do eterno e do sagrado passa a ser o impulso para estas novas criações poéticas, assim, a poesia heróica transforma-se na epopéia sacra.

O autor do *Caramuru* – frei Santa Rita Durão - não se desprende de seus ideais religiosos, escrevendo assim uma epopéia de cunho cristão em pleno século XVIII, o Século das Luzes, das transformações, da consolidação e expansão. O ato de resistência aos avanços do Século das Luzes é o que o impulsiona a escrever, a expansão da Fé e do Império, relacionado muito mais à primeira, pois Diogo Álvares – o Caramuru – é o herói civil, cristão, ordeiro, aquele que da sua união com Paraguaçu nascerá a prole que habitará o Recôncavo Baiano. Á vontade de conceber uma obra para a nova terra e que esta se desprendesse dos moldes prontos, mas com estatuto épico, foi o que levou alguns autores a se aventurarem na criação.

[illegible]

2. The second part outlines the specific steps and procedures for recording transactions, including the use of standardized forms and codes to ensure consistency across different departments and projects.

3. The third part addresses the challenges associated with data collection and reporting, particularly in large-scale operations where multiple stakeholders are involved. It suggests implementing robust internal controls and regular audits to mitigate risks.

4. Finally, the document concludes by highlighting the role of technology in streamlining record-keeping processes. It recommends investing in modern accounting software and training staff to utilize these tools effectively.

Ao historicizar o “gênero” epopéias sacra, Holanda (p.52) nos afirma que por volta de 1769, um anônimo itaparicano escreve a obra *Eustáquidos*, que mais tarde seria reconhecida como do frei Manuel de Santa Maria, inspirado aos moldes seiscentistas, de porte épico, constituindo um dos raros exemplos da epopéia em nossa literatura de caráter hagiográfico. Esta buscou incorporar o sentimento nacional nascente muito mais que Basílio da Gama em *O Uruguai*, do mesmo ano.

Nesse século XVII, a expansão das poesias de cunho religioso com proporções épicas já se fazia por toda a Espanha, com inspirações em motivos bíblicos do Velho Testamento.

“A criação de uma epopéia brasileira fazia-se necessária para o engrandecimento da colônia em um momento em que os escritores brasileiros sentiam a necessidade de propagarem seus nomes além das fronteiras coloniais, a vontade de cristalizar numa mitologia nacional o ressentimento por não possuírem uma obra que exaltasse as grandezas de sua nação - assim como Camões o fez para seu país - converte-se na busca por escritores que a façam de modo a celebrar as riquezas e as belezas que aqui possuímos”. (Holanda, p.81).

O empenho no projeto para a criação de uma epopéia em grande estilo inicia-se com o padre Gonçalo Soares da Franca, em 1724, com um poema intitulado *Brasília* ou *A Descoberta do Brasil* que, com suas 1.800 oitavas, deveria superar *Os Lusíadas*. Em 1759, Domingos da Silva Teles, um padre da academia dos Renascidos, propõe compor uma epopéia com o mesmo tema. Destes escritos, nada foi terminado e deste último, não foi mais que um simples projeto, mas ficou preservado o plano, segundo Holanda (p.81).

Em outra ocasião, o padre Domingos amadurecia a idéia de compor uma epopéia, dando-lhe o nome de *Brasileida* ou ainda *Petreida*, do nome do descobridor e na escolha do herói, oscilou entre Diogo Álvares, o Caramuru, e o próprio rei D. Manuel, acabando por fixar-se em Pedro Álvares Cabral. Num papel denominado “*Fábrica do Poema Brasileida*”, há o esboço do projeto a ser escrito por Silva Teles.

Pelo esboço, ressalta-se que os padrões escolhidos por Silva Teles para a criação da epopéia dependia dos padrões da Antiguidade clássica, bem como de concepções próprias da era barroca, conforme Holanda.

Mas para a época da criação da nossa epopéia estes modelos já não perfazem o gosto setecentista, pois este efetivamente não possui afinidades com a figuração dos personagens homéricos, tidos pela crítica como proto-imagem do futuro sujeito burguês.

O Arcadismo, nascente em Portugal em meados do século XVIII, representa a prosperidade de outro gênero – o melodrama. No entanto, a exaustão e saturação das formas seiscentistas era o ambiente ideal à mudança de gosto estético em relação à colônia. Assim, o ideal heróico já não perfaz o estilo trágico, é antes a epopéia.

Aos autores da época restava assumir a tarefa de criação de um poema que falasse aos corações brasileiros, que criasse o esboço de uma identidade, para que a pátria não continuasse a depender histórica e literariamente de Portugal.

O século XVIII, século de continuadas lutas entre naturais da colônia e da metrópole, segundo Holanda (2000), tende a provocar o sentimento de pátria local nos brasileiros.

Meados de 1780, o índio não é mais visto como aquele que tudo abdica sem hesitar, deixa de existir o arquétipo do juízo feito por Bento Teixeira, de que estes seriam instrumentos da vontade católica e do poder lusitano.

Passados 20 anos do projeto de Teles, outro religioso retoma o projeto de uma epopéia brasileira, frei José de Santa Rita Durão. Seu herói será um português, Diogo Álvares – o Caramuru.

Historicamente, o objetivo de sua obra será o de criar uma epopéia a partir de um “povo primitivo” que ainda não estava “contaminado” pelo Velho Mundo, mas tinha cultura e modos que, colocados em um poema, levantariam polêmicas e discussões - como é o caso da antropofagia – afirmando uma igualdade de valor entre os povos, mas onde um povo precisa ser “liberto” da condição de pagão, e assim, instituir histórica e literariamente o Brasil como nova colônia portuguesa.

$\frac{1}{2} \log \frac{1}{2}$

$\frac{1}{2} \log \frac{1}{2}$

The first part of the proof is to show that the function $f(x)$ is continuous at $x=0$. This is done by showing that $\lim_{x \rightarrow 0} f(x) = f(0)$. The second part is to show that $f(x)$ is differentiable at $x=0$. This is done by showing that $\lim_{h \rightarrow 0} \frac{f(0+h) - f(0)}{h} = f'(0)$.

$\frac{1}{2} \log \frac{1}{2}$

The third part is to show that $f(x)$ is continuous at $x=1$. This is done by showing that $\lim_{x \rightarrow 1} f(x) = f(1)$. The fourth part is to show that $f(x)$ is differentiable at $x=1$. This is done by showing that $\lim_{h \rightarrow 0} \frac{f(1+h) - f(1)}{h} = f'(1)$.

$\frac{1}{2} \log \frac{1}{2}$

The fifth part is to show that $f(x)$ is continuous at $x=-1$. This is done by showing that $\lim_{x \rightarrow -1} f(x) = f(-1)$. The sixth part is to show that $f(x)$ is differentiable at $x=-1$. This is done by showing that $\lim_{h \rightarrow 0} \frac{f(-1+h) - f(-1)}{h} = f'(-1)$.

$\frac{1}{2} \log \frac{1}{2}$

The seventh part is to show that $f(x)$ is continuous at $x=2$. This is done by showing that $\lim_{x \rightarrow 2} f(x) = f(2)$. The eighth part is to show that $f(x)$ is differentiable at $x=2$. This is done by showing that $\lim_{h \rightarrow 0} \frac{f(2+h) - f(2)}{h} = f'(2)$.

$\frac{1}{2} \log \frac{1}{2}$

The ninth part is to show that $f(x)$ is continuous at $x=-2$. This is done by showing that $\lim_{x \rightarrow -2} f(x) = f(-2)$. The tenth part is to show that $f(x)$ is differentiable at $x=-2$. This is done by showing that $\lim_{h \rightarrow 0} \frac{f(-2+h) - f(-2)}{h} = f'(-2)$.

$\frac{1}{2} \log \frac{1}{2}$

The eleventh part is to show that $f(x)$ is continuous at $x=3$. This is done by showing that $\lim_{x \rightarrow 3} f(x) = f(3)$. The twelfth part is to show that $f(x)$ is differentiable at $x=3$. This is done by showing that $\lim_{h \rightarrow 0} \frac{f(3+h) - f(3)}{h} = f'(3)$.

$\frac{1}{2} \log \frac{1}{2}$

The thirteenth part is to show that $f(x)$ is continuous at $x=-3$. This is done by showing that $\lim_{x \rightarrow -3} f(x) = f(-3)$. The fourteenth part is to show that $f(x)$ is differentiable at $x=-3$. This is done by showing that $\lim_{h \rightarrow 0} \frac{f(-3+h) - f(-3)}{h} = f'(-3)$.

Inspirado nos moldes camonianos, segundo Candido (1975), a obra de Durão é tomada como centralização de uma ideologia, jesuítica e colonial, incapaz de se desprender da tradição colonial-barroca, e por isso, é chamada por ele de “passadista”, com concepções e procedimentos do “Quinhentismo português, com o seu maneirismo de um lado e o seu classicismo meio renascentista de outro” (p. 09).

O extremismo da obra de Durão estaria exatamente no período de que faz uso para narrar sua epopéia. É considerado “passadista” por Candido por estar ainda inserido no estilo Barroco que vigorou nos séculos XVI e meados do XVII e estética literária que busca a fusão do velho com o novo, no melhor espírito cristão da “junção” e da “conciliação”.

Com um espírito de perplexidade ante a vida do índio aparece a política representativa da Igreja, com a “implantação da fé verdadeira, a católica, elemento central desse poema eminentemente religioso”, segundo Cândido (p.31).

Como todo grande poeta épico ampara sua obra em uma ideologia, assim como Virgílio, Dante e outros, segundo Candido, (p.174), com Durão não foi diferente, sua religião é a estrutura em que toda a obra é estabelecida, com o efeito de impor e inculcar os valores cristãos em um povo que a princípio é bárbaro, pagão, vive de forma “primitiva”, e faz da antropofagia uma forma de busca por poder e força – segundo sua cultura – e que também não distingue entre pecado, morte e salvação.

Parecia-lhe ver da gente insana
Ó bárbaro furor, a fome crua,
A agonia dos seus na ação tirana,
E temendo a dos mais, presume a sua:
Quisera opor-se à empresa desumana.

(Caramuru - Canto II, II).

Candido analisa a obra sob a essência da Fé católica, da redenção do índio pela conversão. O conflito que ele localiza está polemicamente no exterior da obra, na vida do autor, de como ele viveu, quem foi frei Santa Rita na história da Igreja Católica, quais as suas atividades. Não podemos negar que a obra tenha o cunho de epopéia cristã, mas a relevância que a mesma possui no meio literário como encenação para a tradição romântica na criação do ideal de identidade e nacionalidade literária brasileira é fundamental para justificar de onde vem a fonte para os escritores românticos criarem suas personagens e argumentos.

[illegible]

1. The first step in the process is to identify the problem or issue that needs to be addressed. This involves gathering information and understanding the context of the problem.

Figure 1. The effect of the concentration of the *Agrobacterium* suspension on the transformation efficiency of *Agrobacterium* strains.

1. *Chlorophyll a* and *Chlorophyll b* were determined by the method of Arar and Collins (1971).

© 2006 The Authors
Journal compilation © 2006 Blackwell Publishing Ltd

1. *Journal of Management Studies*, 1996, 33, 1, 1-14.

1. The first group of variables is the "control" group, which includes variables that are expected to influence the dependent variable but are not the primary focus of the study. These variables are typically measured at the same time as the independent variable.

the 1990s, the number of people in the world who are under 15 years of age is expected to increase from 1.1 billion to 1.5 billion. The number of people aged 65 and over is expected to increase from 250 million to 450 million. The number of people aged 15 and over is expected to increase from 3.5 billion to 4.5 billion. The number of people aged 15 and over is expected to increase from 3.5 billion to 4.5 billion. The number of people aged 15 and over is expected to increase from 3.5 billion to 4.5 billion.

Journal of Management Education 30(6)

[illegible][illegible]

1. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1-14.
 2. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 15-29.
 3. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 31-45.
 4. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 47-61.
 5. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 63-77.
 6. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 79-93.
 7. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 95-109.
 8. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 111-125.
 9. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 127-141.
 10. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 143-157.
 11. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 159-173.
 12. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 175-189.
 13. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 191-205.
 14. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 207-221.
 15. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 223-237.
 16. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 239-253.
 17. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 255-269.
 18. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 271-285.
 19. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 287-301.
 20. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 303-317.
 21. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 319-333.
 22. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 335-349.
 23. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 351-365.
 24. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 367-381.
 25. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 383-397.
 26. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 399-413.
 27. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 415-429.
 28. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 431-445.
 29. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 447-461.
 30. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 463-477.
 31. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 479-493.
 32. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 495-509.
 33. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 511-525.
 34. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 527-541.
 35. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 543-557.
 36. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 559-573.
 37. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 575-589.
 38. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 591-605.
 39. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 607-621.
 40. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 623-637.
 41. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 639-653.
 42. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 655-669.
 43. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 671-685.
 44. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 687-701.
 45. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 703-717.
 46. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 719-733.
 47. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 735-749.
 48. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 751-765.
 49. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 767-781.
 50. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 783-797.
 51. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 799-813.
 52. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 815-829.
 53. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 831-845.
 54. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 847-861.
 55. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 863-877.
 56. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 879-893.
 57. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 895-909.
 58. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 911-925.
 59. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 927-941.
 60. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 943-957.
 61. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 959-973.
 62. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 975-989.
 63. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 991-1005.
 64. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1007-1021.
 65. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1023-1037.
 66. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1039-1053.
 67. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1055-1069.
 68. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1071-1085.
 69. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1087-1101.
 70. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1103-1117.
 71. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1119-1133.
 72. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1135-1149.
 73. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1151-1165.
 74. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1167-1181.
 75. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1183-1197.
 76. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1199-1213.
 77. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1215-1229.
 78. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1231-1245.
 79. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1247-1261.
 80. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1263-1277.
 81. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1279-1293.
 82. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1295-1309.
 83. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1311-1325.
 84. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1327-1341.
 85. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1343-1357.
 86. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1359-1373.
 87. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1375-1389.
 88. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1391-1405.
 89. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1407-1421.
 90. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1423-1437.
 91. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1439-1453.
 92. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1455-1469.
 93. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1471-1485.
 94. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1487-1501.
 95. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1503-1517.
 96. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1519-1533.
 97. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1535-1549.
 98. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1551-1565.
 99. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1567-1581.
 100. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1583-1597.
 101. *Journal of Management Studies*, 1997, 34, 1, 1599-1613.<

© 2006 The Authors
Journal compilation © 2006 Blackwell Publishing Ltd

Figure 1. The effect of the concentration of the Fe^{2+} solution on the adsorption of Fe^{2+} by the Fe^{2+} -loaded adsorbent. The concentration of the Fe^{2+} solution was 0.01, 0.02, 0.05, 0.1, 0.2, 0.5, 1, 2, 5, 10, 20, 50, 100, 200, 500, 1000, and 2000 mg/L. The adsorption was carried out at 25 °C for 24 h.

[illegible]
$$f_{\text{max}} = \frac{1}{2\pi} \sqrt{\frac{1}{L C_{\text{eff}}}} = \frac{1}{2\pi} \sqrt{\frac{1}{L (C_1 + C_2)}} \quad (1)$$

1. *Chrysomelids* 2. *Curculionids* 3. *Chrysomelids* 4. *Chrysomelids* 5. *Chrysomelids* 6. *Chrysomelids* 7. *Chrysomelids* 8. *Chrysomelids* 9. *Chrysomelids* 10. *Chrysomelids* 11. *Chrysomelids* 12. *Chrysomelids* 13. *Chrysomelids* 14. *Chrysomelids* 15. *Chrysomelids* 16. *Chrysomelids* 17. *Chrysomelids* 18. *Chrysomelids* 19. *Chrysomelids* 20. *Chrysomelids* 21. *Chrysomelids* 22. *Chrysomelids* 23. *Chrysomelids* 24. *Chrysomelids* 25. *Chrysomelids* 26. *Chrysomelids* 27. *Chrysomelids* 28. *Chrysomelids* 29. *Chrysomelids* 30. *Chrysomelids* 31. *Chrysomelids* 32. *Chrysomelids* 33. *Chrysomelids* 34. *Chrysomelids* 35. *Chrysomelids* 36. *Chrysomelids* 37. *Chrysomelids* 38. *Chrysomelids* 39. *Chrysomelids* 40. *Chrysomelids* 41. *Chrysomelids* 42. *Chrysomelids* 43. *Chrysomelids* 44. *Chrysomelids* 45. *Chrysomelids* 46. *Chrysomelids* 47. *Chrysomelids* 48. *Chrysomelids* 49. *Chrysomelids* 50. *Chrysomelids* 51. *Chrysomelids* 52. *Chrysomelids* 53. *Chrysomelids* 54. *Chrysomelids* 55. *Chrysomelids* 56. *Chrysomelids* 57. *Chrysomelids* 58. *Chrysomelids* 59. *Chrysomelids* 60. *Chrysomelids* 61. *Chrysomelids* 62. *Chrysomelids* 63. *Chrysomelids* 64. *Chrysomelids* 65. *Chrysomelids* 66. *Chrysomelids* 67. *Chrysomelids* 68. *Chrysomelids* 69. *Chrysomelids* 70. *Chrysomelids* 71. *Chrysomelids* 72. *Chrysomelids* 73. *Chrysomelids* 74. *Chrysomelids* 75. *Chrysomelids* 76. *Chrysomelids* 77. *Chrysomelids* 78. *Chrysomelids* 79. *Chrysomelids* 80. *Chrysomelids* 81. *Chrysomelids* 82. *Chrysomelids* 83. *Chrysomelids* 84. *Chrysomelids* 85. *Chrysomelids* 86. *Chrysomelids* 87. *Chrysomelids* 88. *Chrysomelids* 89. *Chrysomelids* 90. *Chrysomelids* 91. *Chrysomelids* 92. *Chrysomelids* 93. *Chrysomelids* 94. *Chrysomelids* 95. *Chrysomelids* 96. *Chrysomelids* 97. *Chrysomelids* 98. *Chrysomelids* 99. *Chrysomelids* 100. *Chrysomelids*

[illegible]

• *Environ Monit Assess* (2015) 189:1–12

1. *Journal of the American Medical Association*, 1997; 277: 1039-1043.

É o caso da personagem Iracema, de José de Alencar (1865), a qual figura a imagem de beleza, magnitude e coragem, tão presente na figuração que Paraguaçu faz da beleza americana. O Canto que descreve a beleza de Paraguaçu no *Caramuru* pode ser identificado na obra *Iracema*. Observa-se no enredo, na descrição dos pormenores, as similitudes comparativas.

No diáfano reflexo da onda pura
Avistou dentro d'água buliçosa,
Tremulando a belíssima figura,
Pasma, nem crê que imagem tão formosa
Seja cópia de humana criatura;
E remirando a face prodigiosa,
Olha de um lado e doutro, e busca atento
Quem seja original deste portentoso.
(Caramuru - Canto IV cap.IV)

Neste momento do descanso de Paraguaçu, Jararaca a observa e se deslumbra com a imagem que vê, formosa criatura mais bela nunca havia visto. A natureza que a envolve é tão perfeita como a donzela que reflete suspirando embalada em seus sonhos. Jararaca a imagina para ser sua esposa e ao seu lado viver.

Mas seus devaneios são interrompidos quando Paraguaçu sente sua presença e 'voa' para sua cabana, buscando se refugiar do intruso que a persegue e pede aos pais de Paraguaçu que a consiente como sua esposa, seu pedido é negado por ela ser prometida de Gupeva.

No furor de sua ira, Jararaca promove guerra chamando seus guerreiros para a luta contra a tribo dos Tupinambás, com o intuito de tomar Paraguaçu por esposa. A guerra descrita pelo narrador é por muitos críticos exacerbada, pelo contingente de índios que são convocados. O Canto V descreve toda a guerra e a vitória de Gupeva e Diogo contra Jararaca da tribo Caeté, mas as perseguições sofridas por Paraguaçu continuarão pelas pretendentes de Diogo.

Notável agora observarmos a descrição no capítulo II da obra de José de Alencar, o momento em que ~~Martim~~ —o que seria o amado de Iracema— a observa tomando banho.

1. 在 1990 年 12 月 31 日，A 公司有一项可供出售金融资产，其公允价值为 100 万元，账面价值为 80 万元。2001 年 1 月 1 日，A 公司将其出售，售价为 110 万元。A 公司应确认的损益为（ ）万元。

[illegible][illegible]

The authors are grateful to the referees for their constructive comments. The authors also thank the National Natural Science Foundation of China (Grant No. 11271240) for the financial support.

Iracema saiu do banho: o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas do seu arco,...(p.18).

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro ou um mau espírito da floresta.(p.19)

O momento em que Martim observa Iracema, o amor é motivado pela exuberância de sua beleza, seus contornos perfeitos, seu cheiro comparado e refletido pela natureza, que proliferam pela floresta. Contagiado por esta beleza, Martim, estático diante de tanta graça que iluminava o lugar, não percebeu quando, de ímpeto, Iracema desfere uma flecha atingindo sua mão.

Após o encontro entre Iracema e Martim, e a entrega de seu amor por ele, os guerreiros de Tupã vêm atrás de Martim para matá-lo porque Iracema é sua prometida.

Compreende-se que semelhante descrição não é mero acaso, a afirmação de uma figuração indígena como ideal da identidade literária brasileira em uma obra do período romântico, tomada por uma epopéia escrita no século XVIII é incorporada à criação do mito que tanto autores buscaram figurar na literatura brasileira.

Assim, a sublimação de uma personagem indígena na criação da origem de identidade funda-se na matriz do *Caramuru*.

A comparativa entre as obras demonstra as similitudes entre elas e particulariza o *Caramuru* como obra eleita pelos românticos para a idealização de um imaginário.

Para Candido, o índio era visto como o universo da desordem que era preciso ser reestruturado, a violência precisava ser justificada para que a ordem verdadeira fosse estabelecida e desse modo os valores cristãos eram soberanos aos do índio na obra *Caramuru*.

Mesmo com a condenação da inspiração religiosa em Durão, Candido ressalta que não houve outro escritor que descrevesse a vida do índio com tantos detalhes pertinentes a sua cultura e suas riquezas, seus ritos e tradições, diferentemente dos devaneios líricos de Basílio da Gama.

Para esse crítico, é a ideologia daquele que justifica "... a colonização como empresa religiosa desinteressada, trazendo a catequese ao primeiro plano e com ela cobrindo os aspectos materiais básicos". (p.174).

1. The first part of the paper is devoted to a general discussion of the problem of the existence of solutions of the system of equations (1) for arbitrary values of the parameters α and β . It is shown that the system has solutions for all values of the parameters α and β if the function $f(x)$ is continuous and has a bounded derivative.

2. In the second part of the paper the problem of the existence of solutions of the system of equations (1) for arbitrary values of the parameters α and β is solved. It is shown that the system has solutions for all values of the parameters α and β if the function $f(x)$ is continuous and has a bounded derivative.

3. In the third part of the paper the problem of the existence of solutions of the system of equations (1) for arbitrary values of the parameters α and β is solved. It is shown that the system has solutions for all values of the parameters α and β if the function $f(x)$ is continuous and has a bounded derivative.

4. In the fourth part of the paper the problem of the existence of solutions of the system of equations (1) for arbitrary values of the parameters α and β is solved. It is shown that the system has solutions for all values of the parameters α and β if the function $f(x)$ is continuous and has a bounded derivative.

5. In the fifth part of the paper the problem of the existence of solutions of the system of equations (1) for arbitrary values of the parameters α and β is solved. It is shown that the system has solutions for all values of the parameters α and β if the function $f(x)$ is continuous and has a bounded derivative.

Para Bosi, “a obra é híbrida por apresentar esquemas camonianos corrigidos e manter a tradição colonial-barroca”. (p.69).

Embora a fortuna crítica encontre seus “gongorismos”, sua falta de genialidade, considere-a cópia mal elaborada, entre tantos que se descrevem, a obra *Caramuru* ganhou a partir da segunda metade do século XX um olhar sobre sua relevância histórico-estética, ainda que não se cansem de considerar que esta obra tenha sido escrita por um padre que não residia no país na época de sua escrita e que partiu daqui ainda menino.

Para Cunha, a importância da “solução poética” para a representação histórica da singularidade brasileira, o ideal de imaginário, proliferam “na cultura e nas artes brasileiras e vão emergir, atualizados, em representações posteriores da origem da nacionalidade”. (p.55).

A perspectiva que Eneida Leal Cunha abre o estudo em relação ao *Caramuru*, isto não é ‘corrigir’ as leituras anteriores, mas coroar sua relevância na exaltação do índio e lidar com duas de suas representações distintas.

A primeira representação é “atribuir à Civilização uma qualidade ou um estatuto natural” (p.62), ou seja, considerar que o índio, mesmo vivendo tão “remoto” e “primitivo” pode ter a Luz da Graça, por isso as analogias entre a cultura do branco e a do índio, fazendo com que o leitor perceba que existem representações no meio do ‘pagão’ relativas à cultura do cristão.

A segunda representação deve lidar como o “índio antagonista da ação heróica fere frontalmente a ordem natural do mundo aos olhos civilizados e pios de Santa Rita Durão”. (p.62)

Para Cunha, este “ponto neutro, formado da relatividade dos valores e dos olhares que se contemplam mutuamente, um brevíssimo espaço de expressão simultânea e equânime do Outro”. (p. 62), é uma das dimensões que a obra inspira de abertura para a consideração da diferença.

A mesma afirma que para esta relatividade o autor toma posse da voz do índio, propondo um conjunto de efeitos que vai do índio para o branco e do branco para o índio, celebrando assim a continuidade de um “povo primitivo” aos olhos do europeu.

Contrariando os críticos anteriores, a autora retoma a leitura com o olhar voltado para os elementos que mais sofreram críticas ao longo do processo de estudo da obra. Para ela, não importa a posição ideológica estritamente, mas a reação, a relevância que esta obra obteve na estrutura fundadora do mito americano, como precursora de uma colônia que precisava se constituir como Nação.

100 100 100 100

The first part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $f(x)$ defined by the equation $f(x) = \int_0^x f(t) dt$. It is shown that $f(x)$ is a constant function, and its value is determined by the initial condition $f(0) = 1$. The second part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $g(x)$ defined by the equation $g(x) = \int_0^x g(t) dt$. It is shown that $g(x)$ is a constant function, and its value is determined by the initial condition $g(0) = 1$.

The third part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $h(x)$ defined by the equation $h(x) = \int_0^x h(t) dt$. It is shown that $h(x)$ is a constant function, and its value is determined by the initial condition $h(0) = 1$. The fourth part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $k(x)$ defined by the equation $k(x) = \int_0^x k(t) dt$. It is shown that $k(x)$ is a constant function, and its value is determined by the initial condition $k(0) = 1$.

The fifth part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $l(x)$ defined by the equation $l(x) = \int_0^x l(t) dt$. It is shown that $l(x)$ is a constant function, and its value is determined by the initial condition $l(0) = 1$. The sixth part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $m(x)$ defined by the equation $m(x) = \int_0^x m(t) dt$. It is shown that $m(x)$ is a constant function, and its value is determined by the initial condition $m(0) = 1$.

The seventh part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $n(x)$ defined by the equation $n(x) = \int_0^x n(t) dt$. It is shown that $n(x)$ is a constant function, and its value is determined by the initial condition $n(0) = 1$. The eighth part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $o(x)$ defined by the equation $o(x) = \int_0^x o(t) dt$. It is shown that $o(x)$ is a constant function, and its value is determined by the initial condition $o(0) = 1$.

The ninth part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $p(x)$ defined by the equation $p(x) = \int_0^x p(t) dt$. It is shown that $p(x)$ is a constant function, and its value is determined by the initial condition $p(0) = 1$. The tenth part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $q(x)$ defined by the equation $q(x) = \int_0^x q(t) dt$. It is shown that $q(x)$ is a constant function, and its value is determined by the initial condition $q(0) = 1$.

The eleventh part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $r(x)$ defined by the equation $r(x) = \int_0^x r(t) dt$. It is shown that $r(x)$ is a constant function, and its value is determined by the initial condition $r(0) = 1$.

The twelfth part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $s(x)$ defined by the equation $s(x) = \int_0^x s(t) dt$. It is shown that $s(x)$ is a constant function, and its value is determined by the initial condition $s(0) = 1$. The thirteenth part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $t(x)$ defined by the equation $t(x) = \int_0^x t(t) dt$. It is shown that $t(x)$ is a constant function, and its value is determined by the initial condition $t(0) = 1$. The fourteenth part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $u(x)$ defined by the equation $u(x) = \int_0^x u(t) dt$. It is shown that $u(x)$ is a constant function, and its value is determined by the initial condition $u(0) = 1$.

Esta analisa a obra *Caramuru* de forma “radicalmente exterior”, a sua importância na constituição de um ideal de pátria, de uma identidade nacional para um país em conflito político e cultural estritamente debruçado na cultura européia. Em nenhum momento critica a repetição e a expansão de que o autor faz uso na obra, pois para ela “o esforço de repetir Camões é também um esforço de diferenciação e ‘correção’”. (Cunha, p.52)

A NAÇÃO

O pressuposto da análise da obra *Caramuru* tem na figuração da personagem Paraguaçu a criação do mito indígena que os escritores do período romântico têm como referência para que a identidade literária brasileira se configurasse com um tema que fosse realmente nacional. Embora não corresponda aos anseios de alguns críticos, a obra revela conflitos entre o índio – o pagão - e o branco – cristão e civilizado -, que Cunha toma como base para sua análise.

Perseguir a construção desta figuração e fixá-la no campo literário, isto é, aproximar do processo como a personagem Paraguaçu evidencia este mito a partir de sua entrada na obra é a proposta desta análise.

Ela possui os elementos tidos como característicos do índio, mas também, os elementos do branco. Uma miscigenação que parte da idéia de sua fala logo que é apresentada a Diogo. Será ela a intérprete entre seu povo e o branco europeu.

Deseja vê-la o forte lusitano,
Porque interprete a língua que entendia,
E toma por mercê do céu sob'rano
Ter como entenda o idioma da Bahia:...

(Canto II, LXXXI)

Paraguaçu possui influência em seu povo por conhecer a língua do branco, diferentemente dos outros índios que só conhecem a própria língua. Filha do príncipe Taparica, conheceu um português escravo o qual ensinou a língua lusitana, e isto a permite dialogar com Diogo. Importa dizer que alguns críticos não observaram que, tomada pela voz do branco, Paraguaçu é o elo de ligação entre os povos, o 'bárbaro' e o cristão, a que figurará mais tarde, após seu batismo, a imagem do Bom Selvagem, aquela que irá expandir e povoar o Recôncavo Baiano após seu casamento com Diogo, com poderes para pressagiar o futuro do Brasil.

Na descrição que o narrador faz da imagem de Paraguaçu, o mesmo já a difere dos outros índios, enquadrando no estilo mais europeu possível e reconhecendo nela a progenitora de uma "Nação".

Paraguaçu gentil (tal nome teve),
Bem diversa de gente tão nojosa,
De cor tão alva como a branca neve,
E donde não é neve, era de rosa:
O nariz natural, boca mui breve,
De algodão tudo o mais, com manto espesso,
Quanto honesta encobriu, fez ver-lhe o preço.
(Canto II, LXXVIII)

Os elementos descritos para apresentar a personagem na obra sugerem a graça, a beleza, a racionalidade, com uma imagem expressiva frente ao seu povo. Conferindo-lhe traços europeus, uma imagem de índio que para Cunha é desenhada.

A leitura atenta do índio desenhado por Santa Rita Durão expõe o admirável trabalho de contaminação do Outro e suas peculiaridades, observadas pelos valores impregnados no olhar europeu cristão e ilustrado, que o focaliza e descreve. E que o fixa num campo discursivo – a literatura – com traços cuja nitidez e veemência parecem ter sido potentes o suficiente para apagar o habitante inicial da terra, substituindo-o por uma imagem do índio providencial aos desejos, valores e desígnios do colonizador . (Cunha, p.61).

A tentativa de inclusão da cultura de um povo – aqui a do índio em relação ao europeu – celebra na obra significativas mudanças quanto ao olhar que o Velho Mundo terá em relação ao índio. Isto, Durão o faz de maneira magnífica, projeta para um povo ‘primitivo’ a redenção através de uma posição tomada pelo índio, na voz do branco. Cunha ressalta que este “*confronto entre os que devem ser aniquilados, para a recuperação dos espaços da cristandade, e os que devem ser corrigidos, para a expansão e implantação plena da cristandade em espaços novos*”. (Cunha, p. 60) justifica o que o autor acentua na obra.

Frente à forma com que Durão lida com a figuração de Paraguaçu no poema, o narrador no Canto II estrofe LXXX afirma que “*Nada sabem de amor bárbaras gentes,*” referindo-se ao compromisso que Paraguaçu tem com Gupeva, que os índios nada sabem sobre o que é amar e o real significado da palavra. Mas, quando se refere ao encontro entre Paraguaçu e Diogo, a fala do narrador muda para conseguir o efeito de ‘*civilidade*’ entre ambos. O interessante aqui, é que

neste mesmo momento de troca de olhares e amor, Diogo promete a ela cumprir os votos que a Fé Católica exige para que se casem, e ela também lhe promete fidelidade até que cumpra o seu batismo.

...E faz-lhe prometer, que com fé pura,
Enquanto se não lava e regenera,
Em continência viverão sincera.
(Canto II, LXXXVIII)

Guardar-te hoje prometo em laço eterno,
Até banhar-se n'água prometida,
Por cândida afeição de amor fraterno:
Amor que sobreviva à própria vida,
Amor que preso em laço sempiterno,
Arda depois da morte em maior chama,
Que assim trata de amor quem por Deus ama.
(Canto II, LXXXIX)

A violação nos costumes de Diogo - o cristão - não satisfaria aos ensejos do narrador, pois uma prole deveria nascer, mas sem manchas, livre do paganismo, daí a necessidade do batismo de Paraguaçu. Ela só terá valor significativo para a história do Brasil quando se encena após seu batismo, segundo a tradição da Fé Católica.

Quando o narrador enuncia a fala de Paraguaçu neste mesmo Canto, querendo ardentemente Diogo, seu povo, seu Deus, sua igreja, ele moldura um índio ardente da redenção, da Luz da Graça. Para Durão resolver esta falta do divino na cultura dos índios, ele terá que *"submeter a indesejável diferença à força da semelhança, buscar por trás ou por baixo da barbárie os sinais de coincidência entre conhecimento natural e verdade religiosa, para lhes dar o devido relevo"*. (Cunha, p. 59)

Para resolver este paradoxo, Durão terá que lidar com as duas representações do índio, segundo Cunha. Sendo a primeira, a que resultaria no reconhecimento de que este mesmo índio - pagão - possui características e semelhanças à cultura do branco e que o autor, não pode negar-lhes a misericórdia pelo divino, sendo assim, não poderiam permanecer sem a Luz da Graça, e a

segunda é que este mesmo índio não pode ser reconhecido como ‘civil’ porque suas atitudes não seriam justificadas perante os olhos do branco.

Mas com toda a dubiedade em o *Caramuru*, o autor redimensiona sua visão de índio laico, sem noção do divino, demonstrando que mesmo sem a “revelação” é por vezes menos selvagem que os antigos heróis.

Nós que zombamos deste povo insano,
Se bem que cavarmos no selo nativo,
Dos antigos heróis dentro às imagens
Não acharemos mais que outros selvagens.

(Canto II, XLVII)

Pode-se dizer que ao entrar pelas terras ‘estrangeiras’, o narrador encontrou uma ordem cultural, que para ele correspondeu de alguma forma aos seus pensamentos em relação ao mundo, mas que o mesmo, por professar sua fé cristã, não poderia simplesmente deixar passar. O caminho que o narrador faz para chegar à conversão dos índios justificado na personagem Paraguaçu é o passo que principia a conversão do índio em cristão e civilizado.

Há também na narrativa da obra a guerra iniciada por Jararaca, justificando o amor negado por Paraguaçu a ele. No Canto V, Diogo o mata com um tiro de espingarda, “*Dispara o tiro e a bala lhe atravessa de uma parte à outra parte da cabeça*”. (est. LII).

A morte de Moema no Canto VI, assim como a morte de Jararaca, é o que figura o efeito da conversão dos índios através da figura de Paraguaçu, pois morre a prole ‘pagã’ para que possa nascer um povo “liberto”.

Moema não teve o mesmo destino que Paraguaçu, não reconhece a Revelação, não alcançou o coração de Diogo, que mesmo vendo desvanecer suas forças, não faz nada para salvá-la de seu desfecho trágico: morrer afogada enquanto tenta alcançar a nau em que está partindo Diogo. A morte para ela foi a forma de ‘condenar’ o paganismo, pois sem a Luz da Graça todo sacrifício é vão, não condiz com os princípios cristãos. Moema, ao alcançar a nau fala da dureza do coração de Diogo e que ela não é digna por não se submeter a sua fé.

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano;
Nem me ofenderas a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano:
Porém deixando o coração cativo.

(Canto VI, XXXIX).

Para que esses motivos fossem justificados na obra, o narrador empreende a guerra entre as tribos e encaminha o relato de forma que não percebemos o que inspira os motivos, sua pretensão de mostrar que para o povo rude a redenção é possível, desde que neguem sua raça e sua fé. O caso de Moema chama a atenção por ser o mais belo dos Cantos, segundo alguns críticos, mas o significado que inspirou Durão vai além mar. Se Diogo também a tomasse por esposa, quebraria os votos sagrados da Igreja Católica e invalidaria seu casamento com Paraguaçu não podendo assim, justificar o batismo da mesma e nem seus presságios relatando a história do Brasil.

A idealização do índio, para Durão, dá-se a partir do momento do batismo de Paraguaçu. Ele faz, nos relatos que seguem por toda a obra, analogias entre as culturas, crenças, costumes, tentando justificar que estes mesmos índios possuem sua cultura, mas que é preciso ser catequizados para alcançarem a Luz.

O batismo de Paraguaçu irá justificar a obra como virtude a ser seguida, ela irá seduzir seu povo com seus presságios e expor aos índios a fé verdadeira na santa Igreja Católica.

Pasmado Diogo e a multidão que a ouvia,
Calam todos no assombro de admirados,
Nem já duvidam que visão seria
Em que ouvira os mistérios revelados:
Quando ocultos segredos Deus confia,
Não devem ser (diz Diogo) propalados;
Mas, se em parte, como este é manifesto,
Temerário não sou, se inquiri o resto.

(Canto VIII, XVII)

A redenção do índio através do batismo de Paraguaçu equivale na obra à criação do mito americano a partir da figuração de Paraguaçu como origem de um povo que agora possui a Luz, a redenção, o divino.

A consumação do batismo traz agora ao índio a distinção entre o “bem e mal”, prerrogativas que habitavam, até então, nos brancos como idéia de civilidade. Para White, *...os mitos são orientados no sentido do ideal da liberdade perfeita, ou redenção, de um lado, e da possibilidade de total opressão, ou danação, de outro.* (White, 197)

Diferentemente do civilizado, o selvagem *...não sabia que vivia em estado de pecado, nem mesmo que pecava ou nem mesmo o que poderia ser um “pecado”.* (White, 188).

O ‘Bom Selvagem’ encenado no jogo de aparente troca de lugar. O selvagem também possui valor, desde que corporifique a vontade do cristão e este, reconheça que todos devam ter a redenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação de nossa identidade literária embasada no “Natural” é o que valida a obra enquanto plasmada no imaginário de Pátria. Recortam-se aqui e ali os devaneios do frei em sua obra. A imitação, ou cópia – assim chamada por alguns críticos – deixou por muito tempo de ser ‘decifrada’, lida por outros pressupostos.

O ângulo de visão, os valores atribuídos aos elementos que agora já perfazem a obra como figuração de um outro índio, com uma voz tomada pelo ‘Outro’, segundo Cunha, estampa a nossa literatura de forma a coroar aqueles que por tanto tempo foram tidos como ‘selvagem’, ‘bárbaro’.

2. 3. 4.

2

The first two steps are the most important. The first step is to identify the problem. The second step is to define the problem. The third step is to identify the causes of the problem. The fourth step is to identify the effects of the problem. The fifth step is to identify the stakeholders involved in the problem. The sixth step is to identify the resources available to solve the problem. The seventh step is to identify the constraints on the problem. The eighth step is to identify the risks associated with the problem. The ninth step is to identify the opportunities associated with the problem. The tenth step is to identify the solutions to the problem. The eleventh step is to implement the solutions. The twelfth step is to evaluate the results of the solutions. The thirteenth step is to monitor the results of the solutions. The fourteenth step is to report the results of the solutions. The fifteenth step is to conclude the problem-solving process.

1. *Environ Biol Fish* (2015) 98:1111–1121. doi:10.1007/s10641-015-0300-1

1. *Phragmites australis* (Cav.) Trin. ex Steud.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José. Iracema: Lenda do Ceará. São Paulo: Klick.

CANDIDO, Antonio. Na Sala de Aula. Movimento e Parada. São Paulo: Ática, 1995.

CANDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1975.

CUNHA, Eneida Leal. Estampas do Imaginário. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1987.

DURÃO, Santa Rita. Caramuru: Poema Épico do Descobrimento da Bahia. São Paulo: Martim Claret, 2004.

DURÃO, Santa Rita. Caramuru: Poema Épico do Descobrimento da Bahia. In: Ronald Polito. São Paulo: Martins Fonte, 2001.

GAMA, Basílio. O Uruguai.

HOLANDA, Sérgio Buarque. Capítulos de Literatura Colonial. Org. Antonio Candido. São Paulo: Brasiliense, 2000.

WHITE, Hayden. Trópicos do Discurso: Ensaio Sobre a Crítica da Cultura. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: EDUSP, 2001.

1. 在 1990 年 12 月 31 日，A 公司有一笔应付账款，金额为 100,000 元，其中 80,000 元已经支付，20,000 元尚未支付。

2. 在 1991 年 1 月 1 日，A 公司有一笔应付账款，金额为 100,000 元，其中 80,000 元已经支付，20,000 元尚未支付。

3. 在 1991 年 1 月 1 日，A 公司有一笔应付账款，金额为 100,000 元，其中 80,000 元已经支付，20,000 元尚未支付。

4. 在 1991 年 1 月 1 日，A 公司有一笔应付账款，金额为 100,000 元，其中 80,000 元已经支付，20,000 元尚未支付。

5. 在 1991 年 1 月 1 日，A 公司有一笔应付账款，金额为 100,000 元，其中 80,000 元已经支付，20,000 元尚未支付。

6. 在 1991 年 1 月 1 日，A 公司有一笔应付账款，金额为 100,000 元，其中 80,000 元已经支付，20,000 元尚未支付。

7. 在 1991 年 1 月 1 日，A 公司有一笔应付账款，金额为 100,000 元，其中 80,000 元已经支付，20,000 元尚未支付。

8. 在 1991 年 1 月 1 日，A 公司有一笔应付账款，金额为 100,000 元，其中 80,000 元已经支付，20,000 元尚未支付。

9. 在 1991 年 1 月 1 日，A 公司有一笔应付账款，金额为 100,000 元，其中 80,000 元已经支付，20,000 元尚未支付。

10. 在 1991 年 1 月 1 日，A 公司有一笔应付账款，金额为 100,000 元，其中 80,000 元已经支付，20,000 元尚未支付。